

O
ESPELHO DIAMANTINO,
PERIODICO

DE POLITICA LITTERATURA, BELLAS ARTES,
THEATRO, E MODAS.

DEDICADO

AS SENHORAS BRASILEIRAS.

NONO NUMERO.

RIO DE JANEIRO,
NA TYPOGRAPHIA DE P. PLANCHER-SEIGNOT.

~~~~~  
1828.

# O ESPELHO DIAMANTINO,

PERIODICO

DE POLITICA, LITTERATURA, BELLAS ARTES, THEATRO,  
E MODAS.

DEDICADO

AS SENHORAS BRASILEIRAS.



## A SOMBRA DE PEDRO ALVARES CABRAL NO BRASIL.

O Brasil he hum Imperio! o Brasil he hum Governo Constitucional! o Brasil he huma Nação civilisada! Que mudanças!! Ha 500 annos que o Pavilhão Portuguez appareceo por hum feliz acaso nestas praias: tristes reminiscências cobrem hoje esses theatros do valor dos antigos Luzos, que intimidarão o fero Adamastor, e lhe arrancarão das mãos as chaves do berço do Sol: os ossos de tantos heroes, as cinzas do invencivel Albuquerque ali jazem debaixo dos pés dos filhes de Nassau, e de Albion: ruinas, onde apenas se divisa a impressão das Quinas, he tudo quanto existe de tantas victorias ali ganhadas; o Indio dobra mais o joelho diante dos descendentes dos Gama, e dos Castros: a gloria de Portugal cahio ali de todo, e a mesma Lingoa Portugueza tão generalizada nesses lugares he hoje hum patuá inintelligivel. Quem nas mais altas combinações da politica poderia então prever que o Imperio Luzitano no Oriente soffreria tão humilhante quèda; e que o Brasil conhecido na época pelos seus Papagaios, e pelos seus Macacos, pois que nesses dias primeiros a existencia do pão, braza do oiro, e dos diamantes era desconhecida, viria á ser hum Imperio, e se mostraria á face da Europa sem penacho, e sem aljava, com hum diadema sexado, e com o timbre de sua Independencia? Estava escripto no grande Livro dos Destinos que dos restos dos antigos Imperios, dos Pirros,

dos Jarios, e dos Alexandres não se levantarião novos Imperios; que a civilisação espantada recuará das fronteiras do Tartaro prepotente; que os Discipulos de Fobe de Brama, e de Confucio serião eternamente escravos do cordão, e do alfanje. Cumprio-se o destino, e ricas Feitorias estrangeiras se levantarão nos lugares, onde os Portuguezes esboçavão o seu novo Imperio. O Brasil passou por todos os periodos da ordem moral, e politica; e entrou na linha das Potencias Independentes. Eu o vejo; eu o desconheço; procuro em vão esses homens côr de cobre; vestidos de huma linda plumagem; que a troco de espelhos, de cascaveis, de panos escarlates, de campainhas, e de canivetes, nos davão os fructos do paiz em penhor da sua amizade: em seu lugar vejo novas raças; hum povo com feições Europeas; não ouço mais a lingua do Tupantaura; os dialectos de minha Patria; da França, da Hespanha, da Inglaterra, da Alemanha; até o Alpha, e Omega dos Gregos, são as vozes que ferem os meus ouvidos: a civilisação em marcha; Mitros habeis, dignos da confiança publica. Politica activa e providente; em fim hum Joven na flor dos annos, na idade do grande Filho de Ulysses, fazendo da sua Corte huma nova Tyro, chamando as Artes; recolhendo-as á sombra do seu Throno; no meio de duas Camaras Legislativas com o Poder Moderador, sancionando a nova Legislação, que, afortunará o Brasil apezar de todos os contratempos, que podereim sobrevir. Tal he o grande espectáculo, que fere os meus olhos. Nação ditosa, felizes Brasileiros, tudo vos promette o futuro mais lhante; se eu ainda vivesse no mundo, eu hiria habitar entre vós; eu preferiria a terra que me abrigou das tempestades, quando eu seguia a carreira da India Oriental á terra que me deo o berço: vossa civilisação avança em quanto a Europa se debate; e como hum enfermo em delirio abre as suas veias. Augmentai porém vossa população; hede procurar nesses Sertões immensos, e ainda incognitos o Pury manso; o Botecudo indomavel; o Tamoyo antropofago; o Gnarani; os Coroados; todas essas raças; prola dos Scytas errantes; aldeiai-os; inspirai-lhes o amor do trabalho; mostrai-lhes as doçuras da Religião, que prepara os bons Cidadãos; e vós tereis hum povo immenso que

voará sobre as ondas formando a vossa marinha guerreira, e mercantil: que se lançará debaixo d'armas até as fronteiras para defender a immuniidade do vosso Imperio. Por ventura Guilherme Penn, que domesticou os Indios da Pensivalnia; e firmou na America do Norte o grande Imperio dos Estados Unidos não terá emulos da sua gloria! Pedro da Russia então barbara, não poderá ser vencido por Pedro 1.º do Brasil, já mui crescido em civilisação na época da mudança? O Samoyada, e o Siberiano cobertos de grosseiras peles serão mais capazes de domesticidade, do que os nossos Indigenas vestidos com penas de papagaíos? Mãos a obra, o Imperador quer o bem geral do Brasil; he firme; he docil, he joven: o Ministerio tem energia, talento creador; conhecimentos economicos: os empregados vão passando pela sorte do trigo peneirado, as fontes agricolas não podem estancar; a industria gira entre os ricos Proprietarios Agricultores: Brasil tu crescerás; mil bençãos caião do Ceo sobre tua cabeça. — Eu me retiro infinitamente satisfeito; eu vou dizer aos Alexandres de Gusmão; aos Costas; aos Bazilios; aos Moráes; aos Caldas; aos Vellozos; e a outros muitos Brasileiros que ali vivem comigo — Eu venho de ver a vossa antiga Patria; a terra onde eu arborei a Santa Cruz, o Sinal da Redempção do mundo o Brasil he hum Imperio; virá á ser hum grande Imperio: o Brasileiro he hum homem Livre; nobre, polido » Estou pasmado!!

---

DIALOGO.

ENTRE

HUM AVARENTO, E A SUA GAVÊTA.

AVARENTO A' GAVETA, *com a xave, em voz humilde.*

Poderei abrir? Poderei lançar hum ligeiro golpe de vista sobre estes prezos; idolos de minha alma; objectos dos meus maiores cuidados que me obrigão a velar de dia, e de noite? Ser-me-há permittido tirar huma pequena moéda para remir a urgentissima necessidade

em que me vejo? vai agora vindo o cobre; mas não tenho notas: nem as recebi nunca: nesta gaveta está o ouro, o fino, e puro ouro, deixado por meus Avôs: os doblões de 240000; os de 120000, e outras moedas, que virão o Reinado de D. João V.; que escaparão aos Inglezes no tempo de D. José; que se cunharão no tempo dos casamentos entre Portugal, e Hespanha. Aqui existem os frutos dos suores de 4 avôs em linha recta... Porém? terei eu a temeridade de tocar nos pomos sagrados, que elles me entregarão em deposito, julgando (e não se enganarão) que eu seria mais vigilante do que os Dragões dos Jardins das Hesperides? Em fim não abrirei, sem primeiro pedir licença: (batendo á gaveta.) dá licença, minha Senhora?

#### GAVETA com furor.

Fôra; fôra, maganão; se não têm dinheiro procure hum companhia de ladrões; vá filiar se no Quilombo da Tijuca; vá tomar o fresco nas pontes da praia pequena; venda as cabelleiras de seu vizavô que agora hão de ter salida, porque a jerarquia dos calvos, e a ordem dos cavalleiros do monte Calvario vai crescendo, graças ás pomadas Francezas, ás essencias de rozas vindas do Serralho de Constantinopla. Mendigue de porta em porta; procure hum lugar de guarda d'Alfandega, faça cigarros; invente alguma machina de vapor; não faltão modos de vida; e em ultima necessidade, o caducéo, e os brodequins de Mercurio ajudão á viver a muita gente. Daqui não sabe real, nem os epozentados sinquinhos, que não tiverão alta quando os que andavão por fôra passarão á dez réis.

#### O AVARENTO.

Não permitta Deos que eu attente contra a inviolabilidade deste azilo do ouro; e principalmente agora que a especulação das companhias mineralogicas nos rouba a fecundidade desses depositos defendidos aos estrangeiros pela Legislação antiga, que tanto concorria para o engrandecimento, e para o respeito do Brasil. Não, minha Senhora Gavêta; eu não tocarei com mão sacrilega nessas teias de aranhas, que lhe servem de bambinellas; longe de mim hum pensamento tão deshonesto; mas eu queria só ter a

consolação de ver a cara d'ElRei D. João V., de quem  
 mêo Tataravô contava tão grandes façanhas; eu queria vêr  
 o rosto de D. José; e essas duas caras unidas, Maria I. e  
 Pedro III., que mêo Avô procurava com preferencia ás meias  
 doblas d'huma só cara. Tomarei o seu concêlho depois;  
 com huma cápa á rastos hirei ser guarda d'alfandega: eu  
 sei que este modo de vida bem trabalhado de noite, dá  
 para levantar casas de sobrado: os mimos fervem á porta  
 entre a meia noite, e as duas horas da madrugada. Po-  
 rém... porém, eu creio que este Mr. Calmon, espirito  
 maligno contra os ladrões da Fazenda Publica, homem que  
 advinha; que chama á juizo todos os empregados sujeitos á  
 responsabilidade: que já meteu no Thezouro muito dinhei-  
 ro ganhado com as pernas para o ar; emfim, eu julgo,  
 que este Mr. não deixará em calmaria os guardas d'Alfan-  
 dega. Não ha remedio; deixe-me tirar só huma peça de  
 6400, veronicas, que ninguem hoje vê; eu a mostrarei:  
 aquelles que a virem, julgarão que eu sou homem amoe-  
 dado; eu a tornarei a lançar no meio das outras aqui den-  
 tro: e depois para ir vivendo, pedirei dinheiro empresta-  
 do, que tambem não he máo modo de vida; ao menos he  
 modo afidalgado.

GAVÊTA.

Eu não admitto proposição alguma: sempre ouvi dizer,  
 que os máos exemplos pegão: abrindo-me Vm. huma vez,  
 não tardará muito, que não venha outra vez. Respeite as  
 almas dos seus Avós que me fazem aqui sentinella. Vm.  
 não tem vontade propria; eu sou a sua senhora, e senhora  
 absoluta: nem mais meia palavra; retire-se. Seu Avô no  
 tempo em que os ovos erão a doze por hum vintem sus-  
 tentava a sua Mãi, e aos seus Tios dando hum ovo por dia  
 á cada hum, e quem come hum ovo come huma galinha:  
 mandava virar as cazacas dos seus Vizavós para se vestir;  
 d'huma cazaca fez huma jaqueta, dois páres de calções,  
 trez coletes para a familia; servio na Camara com Vereador  
 mandando fazer huma capa do manto preto de sua  
 Avó, porque então já a moda dos mantos estava em des-  
 prezo, e dominava o gosto das marcellinas. Elles mesmos  
 não sabião quaes erão as preciosidades, que se guardão em  
 meu seio. Aqui eu conservo huma banána em oiro d'hu-

ma pena que o primeiro descobridor levou á Portugal : huma aza do papagaio que tambem foi em oiro nesse tempo : duas pernas de macáco em oiro, e hum gômo dos taquaruçus, que vinhão de Taubaté no tempo da fartura do oiro. Retire-se portanto sobre pena de cahir com hum estupôr se *bolir com a xave*.

#### AVARENTO.

Obedecerei com prazêr ; ninguem morre á mingoa : não comerei vaca, que sobio a 160 ; não procurarei mantiega, nem azeite, porque fazem mal ao bofe ; para ir passando, venderei as anquinhas de minha Avó, as barbatanas darão algum dinheiro ; venderei as cabelleiras, e as caixas, que pôdem servir para oratorios de crianças ; e voltar-mehei para os cigarros, que tem sahida apesar de que o bofe fique estragado. Em ultimo recurso criarei bixas, e farei potes de canja d'arrôz, que bem inculcados no Diario, terão rapida extracção. Os estomagos carregados em mêzas de Lucullo no salão d'Apollo, trazem as molestias ; sempre ouvi dizer que — das grandes cêas estão as sepulturas cheias. Huma banana sustenta o escravo d' enxada ; e hum antigo Medico observou que a banana era o fructo mais farinozo, e mais nutritivo do Reino vegetal : com huma banana diaria poderei passar sem dormir sugeito á sonhos aterradores. A theoria de pouco alimento conservou as vidas de muitos velhos sabios : Newton sustentava-se com uvas passadas, por isso tinha tanta agilidade para correr apoz dos Astros ; e tanta agudeza para comentar o Apocalypse : Descartes não comia mais do que pão migado em vinho, e agoa. He bem verdade que no seu tempo não estava em voga a canja d'arroz, e as bixas, que hoje levão debaixo os mais gordos volumes da especie humana : a Natureza tinha força ; porém tambem elles não tinham a banana ; a santa, a beindita banana, que nos dispensa de abrir gavetas de seis avós ; e de tocar em meias doblas. Huma Quitandeira não nega huma banana pedida para prova ; ha immensas quitandeiras, eu as correrei com bom modo, e irei passando os meus dias. Não gasto em çapatos ; eu não ando depressa ; pizo com geito, e as sollas não se estragão ; os meus calções de bombazina podem vencer mais 30 annos alem dos dez, que já contão ; a minha cazaca, hoje

em segunda mão, que por amizade me deo o Thesoureiro dos Auzentes, já se ajustou comigo, que, ou eu a heide enterrar, ou ella a mim; o meu chapéo ainda he dos de Gabriel Milliet; servio á meu Avô; a meu Pai; e ainda depois de mim, servirá ao meu Manoel. Graças ao Ceo, tudo está em ordem; não abri a gaveta, e não heide morrer á fome. A Deos, á Deos, minha Senhora Gavêta; Vm. tem mais juizo do que eu; agradeço-lhe infinitamente os seus bons conselhos.

*Resposta á Correspondencia inserida no Eco N.º 23.*

A Justiça; a Verdade; a Gratidão, e o Patriotismo não nos permitem deixar em silencio essa correspondencia, cujo auctor nos parece pouco informado da statistica moral, civil, e politica do Rio de Janeiro antes da época da emigração dos Estrangeiros, e da franqueza dos Portos do Brasil. Nós desempenharemos esta obrigação conservando o decóro dos verdadeiros escriptores publicos, que procurão com huma boa polemica refutar principios falsos, sem fugir do respeito devido á aquelles, que se mostram em idéas contrarias. Não julgamos de maior necessidade levar nossas vistas ao berço de todas essas Nações polidas, que pelos vehiculos do commercio, e da Navegação, conductores da civilisação, forão gradualmente sobindo do estado barbaro, ao estado comparativo de perfectibilidade, em que hoje apparecem: não hiremos vêr os Francezes na época dos Gaulezes, e dos Francos, antes, e ainda depois da elevação de Carlos Magno: nem tambem os Inglezes antes da invasão do Principe de Normandia. As Nações não sahem feitas das mãos da Natureza: não se aperfeiçoão sem relações exteriores: a industria limitando-se á remi-las das primeiras precisões da vida, não as conduz fora do pequeno circulo, onde ellas se concentão. Sabe-se que a Africa, civilisou a Asia, que lhe levou suas artes; suas sciencias; os seus conhecimentos astronomicos, e agricolas: que a Asia civilisou a Europa introduzindo-lhe o luxo; que a Europa civilisou a America: e he ponto inquestionavel nos fastos Brasileiros, que Portugal foi que trouxe ao Brasil a sua linguagem: as artes; os conhecimentos da Agricultura, da mineração, do commercio, da navega-



ção; em fim os elementos da população actual. Os Indios espalhados por este vastissimo continente, atrahidos pela doçura dos Portuguezes, e pela intrepidez dos Missionarios, apenas chegarão para a organização de pequenas aldeias; e sendo naturalmente pouco amigos do trabalho, forão progressivamente dezertando, em quanto as familias Portuguezas se consolidavão, e se ramificavão sobre todos os pontos conhecidos do Brasil. O famoso Villegnon, verdadeiro Aristocrata, com ideas talvez de ser hum Christovão, ou hum Henrique 1.º não tinha dado hum passo para a civilisação dessas povoações verdadeiramente nômadicas que giravão em tribus pelo Brasil. Devemos portanto confessar que os Portuguezes forão os unicos iniciadores da civilisação do Brasil; assim como da população actual. Dificultosamente achar-se-há hoje hum familia de origem indigena. Nós não tinhamos então commercio nem com os Francezes, nem com os Inglezes; nem com os Allemães etc. etc. etc.; eramos ricos proprietarios, sentados sobre opulentas, e fecundas minas d'ouro, e de diamantes, negociando com os nossos Protoparentes; homens de boa fé, e de intacta Religião; e mandando a Portugal os fructos da nossa riqueza para que nos viessem dos estrangeiros os trabalhos da sua industria; unica fonte das riquezas de todas aquellas Nações, que não possuem os nativos thesoiros do Brasil. Os estrangeiros trabalhavão para o Brasil; o Brasil dava muito em trôco; mas ficava sempre rico. Engana-se o Correspondente, quando diz que só depois da emigração he que começou a civilisação do Brasil. Mr. Parry, que veio ao Rio de Janeiro ha 60 annos, viu, como elle confessa em sua correspondencia do Cabo da Boa Esperança, hum Cidade polida rica; hum povo hospitaleiro; viu a grande Feira da Gloria, que não era inferior ás da Europa: ouviu tocar, dansou, bailou com a Ilustre Seixas, e entro as Brasileiras, hoje pintadas sem espartilho, em hum esteira, rodeadas de negras com huma palmatoria, achou hum nova Sapho; hum Leonor delicada com o talento, e o gosto das bellas artes; tão linda, que elle a conduzio consigo para a França. O Piano he de moderna data; mas o Brasil conhecia a harpa, o 1.º instrumento dos povos da Natureza, mais ou menos perfeita; o cravo, o salterio, a frauta, a cithara, a violla Brasileira.

Nas mezas apparecia o pão de trigo, e a cassava, ou farinha de mandioca; apparecião os quiabos, e a succulenta sopa Portugueza; a cosinha Brasileira ainda hoje, desde essa época, passa por delicada, e a mais apetitosa. He preciso ser antropofago, para que hum homem se lance á devorar huma galinha meia crua, que ainda pode pôr ovos; á hum trancão de vaca, tão crua, ensanguentada, que recorda os banquetes de Tiestes; o gosto Brasileiro volta a cara a essas ignarias, porem he certo, que os Ingleses, menos delicados em suas mezas, do que os Francezes, gostão dos nossos quitutes, e pedem mais, dão capo, e os pratos se reformão. O correspondente diz que os Brasileiros comião sapos, e rans, antes de aqui chegarem os estrangeiros. Que injustiça! que escandalo! que ingratição.

Se algum etico, se algum asmatico faz o seu penoso jantar, com esses animalejos, segue-se que seja huma ignaria Nacional! Não poderiamos dizer que as carnes de cavallo, e sem duvida, da descendencia do cavallo de D. Quixote; que pedaços d'ursos devoradôres; gatos por lebre, fritadas d'ovos ja com pintos apparecem ainda hoje em muitas casas de pasto na Europa? Diz mais o correspondente que as familias centraes, e muitas outras cortezans, antes da vinda dos estrangeiros comião com a mão, como os antigos Patriarcas. Elles nos trouxerão garfos de ferro, de casquinha, d'estanho, de cobre doirado: mas ha quantos annos não se gloria o Brasil de ter ricos faqueiros d'ouro, e prata? Se falla das familias pobres, (porem não se collige esta asserção sendo bem lida a correspondencia), não admira que se sirvão das mãos como os pobres na Europa: se falla como d'hum uso geral, engana-se: nas mesmas Fazendas, ou roças, o correspondente achará ricas mezas, e de mais, hum sino para convidar á todos os que passão pela estrada á hora do meio dia: vá vêr o luxo das mezas do Taquara, do Bangú, do Jerisinol, do Retiro, de Jacarapaguá: vá ouvir ali o piano mais rico, ver soberbos aparadores, carregados de baixella de prata: vá ver o accio, a modestia, o gosto do traje com que se apresentão as Brasileiras; assim ja se mostravão antes da vinda dos estrangeiros. Em artigo de Litteratura, e de Bibliotecas, eu invoco o testemunho de Mr. de Humboldt, que muito antes da emigração veio ao Brasil; elle se admirou, que apezar das Leis

inhibitivas, houvessem no Brasil tão escolhidas Bibliotecas; e talvez huma ou duas entrarião em o numero das onze mil virgens. Diremos em fim em honra dos Brasileiros, que a civilisação essencial do Brasil he devida em primeiro lugar aos Portuguezes; e que a civilisação accidental, ou accessoria he mais antiga do que o estabelecimento das modas da rua do Ouvidor. Quando os estrangeiros começãrão á vir com franqueza, trazendo-nos plumas, pomadas, essencias de mil diversas flores, espartilhos proprios para matar crianças nas mulheres occupadas, e para darem breve de etica ás meninas; as Senhoras apparecião ornadas não com atavios puramente ideacs; mas com brilhantes, e até nos sapatos uzavão de biqueiras d'oiro lavrado: os veludos, as sedas de Italia etc. etc. andavão de rastos. Dirá o correspondente, que isso nem era moda, nem gesto; eu responderei, que era riqueza solida; moda que não voava com o vento, que não expunha huma Senhora á apparecer decomposta nas ruas publicas. — Assim tornassem essas modas, ellas inculcavão riqueza Nacional: e hoje.... Confessaremos em outro artigo os bens que nos tem feito os modernos estrangeiros depois de 1820 até hoje, por que tambem he inegavel, que elles tem feito bens reaes não só vulgarizando a sua lingua por entre as mesmas Senhoras Brasileiras; como adiantando, e aperfeiçoando a industria, e as Artes Nacionaes. Nós seremos sempre justos, e imparciaes, porem sempre Brasileiros. Prosequiremos por tanto na defeza do Brasil; he Patria, e o homem que não pugna pela sua Patria, he hum ente vil; hum embrulho na ordem Social. O Proprietario desta folha, que hoje se considera Brasileiro, he hum dos mais empenhados pela honra da sua Patria adoptiva, azillo da sua familia, e dos seus Penates — Em o numero immediato dezempenharemos o que fica promettido.

---

COSTUMES FLUMINENSES.

HUMA LOJA DE BOTICARIO.

Et leur crédulité fait toute leur science.  
Para elles accreditar tudo he saber tudo.

Certo Medico, cujo nome esqueci, disse que hum espirito vivo e fecundo provinha sempre de huma digestão prompta e facil, e que o author de quem era o Chylo pesado e imperfecto não podia ter senão huma penna perguçosa e penivel; (o que prova que os máos escritores não fazem tristes jantares porque fazem pobres livros, mas sim que escrevem mal porque jantão mal) hum outro pertende que as operações do Cerebro são subordinadas á hum somno mais ou menos quieto: não pertendo decidir tão grave questão. Mas seja por ter mal digerido, seja por ter mal dormido, foi em ṽo que eu peguei na penna para pagar meo tributo ao *Espelho*. Meo *Pharbo* e minha memoria negarão-me igualmente todo o auxilio e para não faltar ao prometido, vi-me obrigado, com meo livrinho de lembranças na mão, á ir espiar a mesma natureza: huma vez na rua, perguntei-me á mi-mesmo? onde poderei eu observar alguma scena da grande Comedia que representão os homens diariamente? Onde acharei eu que copiar alguns retratos bem naturaes, quero dizer, de quem os modelos se pensem tão pouco em evidencia que se deixem pintar por assim dizer despidos? Em qualquer loja de Boticario; me disse eu; e com effeito em todo o paiz Portuguez, faz-se nas Boticas igual gasto de novidades, politicas e litterarias, publicas e particulares, edificantes e escandalosas como de Formulas narcóticas ou acidas, excitantes ou emollientes. Mal acabava eu estas reflexões, quando cheguei a huma das principaes ruas desta Capital, á porta de hum de estes innocentes *Clubes de Papa-Petas*, e entrei na loja de hum amigo visinho della, de cuja loja pôde-se maravilhosamente ouvir e ver o que se passa na *Officina de Esculapio*. A companhia compunha-se de quatro individuos: meo amigo o logista, homem de juizo, de chinellas e de jaqueta, escutava muito mas fallava pouco, tendo sempre hum olho de cautela sobre a loja; o Boticario

elle mesmo escolhendo amendoas em cima do Balcão, não perdia huma palavra e de vez em quando contribuia ás amplificações e revisões das noticias que a cada instante se rendião á este centro commum como as torrentes correm a engrassar os Rios. Hum joven Militar, ellegantemente vestido de paizano, encostado sobre a banca defronte da porta, não entrava na conversação senão com huma desatenção e huma ironia que fazião suspeitar que era por outro motivo do que o saber de novidades que elle tinha vindo fazer contrastar seus vestidos e suas opiniões modernas com as antiguidades que ornavaõ a Botica. Mas o *Rei da Festa*, aquelle que (como dizem os Francezes) *tenait le dé*, era hum ancião que tinha estabelecido á entrada mesmo da porta seo throno ou, para melhor dizer, hum mocho furado que por recommendação do Medico elle tinha lá mandado para seo uso particular.

Sim Senhores, dizia o velho, sei por huma pessoa muito capaz que os pesos subirão de 300 réis porque o Imperador da Russia tomou posse das Minas do Potosi e já se não cunhão mais pesos Hespanhoes; á fóra disto huma embarcação Franceza chegada hoje em 42 dias de Gibraltar traz a noticia que o *Grão-Turco* tendo entrado em campanha com hum Exercito formidavel contra as *Nações Christãs*, tem apparecido inopinadamente nas margens do rio Rheno sem se ter percebido a marcha d'elle ao travez da Allemanha; mas he provavel que as vistas que elle tem de assentar o Crescente sobre a Igreja Cathedral de Paris, serão frustradas porque sabe-se por huma bombardã chegada hoje em 4 dias do Rio da Prata que a Republica Argentina que tem tão numerosas tropas que não sabe onde as empregar, está mandando hum soccorro de quinze mil homens ao Rei Christianissimo. Bravo, diz o Boticario, isto se chama temer á Deos e mostrarem-se bons Christãos. Mas esta tal *Bombarda* não diz, como hão de saber estes quinze mil homens do Rio da Prata já que elle está bloqueiado pela nossa Esquadra —  
 » oh! Senhores, elles não são tão tollos que affrontem  
 » nossas baterias, elles vão por terra passando pela Pa-  
 » tagonia e a *Terra del Fuego*, o que economisa o frete  
 » dos vasos de guerra — veção, Senhores, diz o logista,  
 » que horror de corsarios não hão de ficar para arruinarem o nosso commercio. »

Aqui avistei á huma janella defronte da botica huma moça encantadora, que com o olhar tão voluptuoso de toda a Brasileira, unia a ellegancia e a *desenvoltura*, que dão as modas modernas; e logo o lenço que ella tinha na mão, as posições do corpo, as olhadas de fogo que ella dava para hum dos actores da scena, que eu estou relatando, indicárão-me que apesar de não estar em pessoa no meio dos interlocutores, ella sempre estava interessada no que ali se passava e com effeito o moço deixando de escutar os commentarios dos *Botico-novidadistas* deo toda a sua attenção á huma nova conversação, muda mas expressiva; em fim para fallar claro elle *poz-se a fazer tijóllo*.

Este episodio tinha-me occupado alguns instantes, e quando voltei á meos estadistas já tinham acabado a guerra do *Grão-Sultão* pela matança de todos os Turcos e Turcas por huma conspiração surda dos Gregos da Acropolis de Athena e tinham passado ao emprestimo realisado estes dias pelo Governo.

» Isto, » dizia hum homem descendo de huma sege descoberta, de frente da nova tribuna das Arengas, » isto » foi huma patetice que não tem nome, S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro » da Fazenda presumio muito das suas forças. Antes elle » devia escutar hum homem como eu que criou cabellos » brancos em manejar as finanças d'hum grande estabelecimento publico; estes 6 por cento, estas Apolices, isto » tudo enfim que ninguem percebe he huma continuação » de asneiras até o fim. Senhores, eu desde o principio » lho disse, não faça V. Ex.<sup>a</sup> outra cousa se não *Loterias* » Ex.<sup>mo</sup> Sr. mais *Loterias* e sempre *Loterias*. Com ellas » tudo se faz, sem ellas nada se faz..! Por que não serão » estas santas Loterias para o Governo como forão para mim » o Refugium Peccatorum. Senhor ão ou 40 duzias de Loterias pouco mais ou menos punhão as finanças do Brasil » n'hum estado proporcionado ao em que está o meo.... » estabelecimento »

Aqui levantei os olhos e pela unica vista d'huns oculos de tartaruga logo conheci hum amigo meu mui grande financeiro.

» Ora, Senhores meos, continuava o Orador do moxo furado, he huma d'estas cousas que se não podião acreditar se ellas não fossem publicas ou para servir-me da » expressão consagrada se ellas não fossem de *Officio* »

» Muito nos custa achar quem nos pague á penas 18 por  
 » cento, por anno, com hypotheca soffrivel, e isso por  
 » quantias pequenas e aqui está o governo, que prohibe  
 » juros mais fortes do que 5 ou 6 por cento, que vem hoje  
 » contrahir hum empréstimo de 1000:000.000 rs. á 65 por  
 » cento ! não he isto de tremer ! 65 por cento — e até fal-  
 » lãõ de mais 6 por cento não sei por que disse o boti-  
 » cario com meia voz.

Já desde alguns instantes a Deosa da janella tinha de-  
 sapparecido e o nosso militar que para a não comprometter,  
 tinha assistido ao fim desta conversação, disse á elles  
 antes de sahir. « Felizmente meos bons amigos, a opinião  
 » publica não se fórma com a opinião de alguns extrava-  
 » gantes estupidamente promptos a acreditar tudo, prin-  
 » cipalmente nas noticias. O Povo do Rio de Janeiro tem  
 » o bom senso de apreciar os boatos espalhados por  
 » *alarmistas* mãos ou tollos. » Cheios de confiança no  
 » *mais liberal dos ministerios existentes* os Brasileiros já  
 vem realizar-se o que até agora foi considerado como o  
 sonho de hum habitante do Reino das *Utopias* a funda-  
 ção de hum credito publico e a refôrma da Alfandega.

---

### CHRONICA E ANECDOTAS.

— Dizem que se vão expor á consideração publica alguns  
 trabalhos de industria, e que o Governo, seguindo a marcha  
 da França com as novas invenções, distribuirá medalhas  
 de estimulação para condecorar aquelles que se distingui-  
 rem mais.

— O Êco de 30 de Janeiro trouxe sua correspondencia que  
 maltrata MM. José Henrique da Silva e Cavróe, hum Di-  
 rector da Academia, e outro Architecto do Governo. Se  
 M. Grandjean se firma, como he de suppor, sobre factos,  
 esta intriga hirá mui longe, e MM. José Henrique da Silva  
 e Cavróe se arrependerão de haverem atacado com tanta  
 indecencia os Artistas Francezes que não devem entrar na  
 ordem de Bohemios, homens que procurão fortuna, cor-  
 rendo do Oriente para o Occidente, porque elles forão  
 chamados pelo Governo do Brasil; e elles ja erão conhe-  
 cidos na Europa.

— Ardêo ha dias a caza de Mr. \*\*\*. Mas como pegou o fogo? O proprietario teimozo em não querer usar de oculos; e habituado a lêr como os Jesuitas, com a luz á cabeceira, cahio dormitando com a cabelleira sobre a vella o fogo pegou no cortinado, do cortinado sobio as teias d'aranha, daqui ao tecto, do tecto as ripas, das ripas ás vigas, e emfim a toda a caza. Qual seria o Livro, ou o Periodico da Lição não se sabe, mas julga se que era folha de 80 reis.

— Propõe-se certo Dilectante fazer huma viagem a Roma, como o antigo Hespanhol que fez esta jornada só para ver o grande Tito Livio; com a intenção de trazer algumas reliquias do Cardial Gonzalvi, que morreo edificativamente sobre grossas burras das antigas Lisboninas ganhadas no exercicio de intregar a sua Corte, e de vender o seu Soberano á certa Corte Extranjeira. Procurão-se com empenho noticias sobre este Heróe, reconquistador das Marcas do Estado Pontificio, e os seus manejos no Congresso de \*\*\* entrárão na ordem dos seus milagres.



A M.<sup>MA</sup> ELISA BARBIERI,

No dia do seu beneficio a 31 de Janeiro de 1828.

SONETO.

Em quanto occupa toda a minha ideia  
 Da gentil BARBIERI o som Divino;  
 Empunho a lyra, que sem custo affino,  
 Sentindo em mim nascer a sacra vêa.  
 Eu pinto em minha mente huma Serêa,  
 E me exforço em traçar hum Quadro dino  
 Deste genio sem pár, Genio Orphelino,  
 Que até nos ferreos peitos fogo atéa.  
 Traçado o Quadro; ás Muzas o apresento:  
 Huma d'ellas a si então o assume;  
 E dirigi-me assim o meigo assento:  
 Socêga o teu dezejo oh váte implume;  
 Reprime o vôo; pois tão alto intento  
 Só pôde competir ao Délío Nume.

*Hum Brasileiro.*



## NOTTA DOS REDACTORES.

Accrescentando ao Espelho dous artigos redigidos em Francez julgamos agradar á nossos subscriptôres e devemos expor-lhes as rasões, que nos decidirão a tal innovação. Pareceo-nos mais conveniente adoptar a lingua Franceza para artigos de Theatro escritos a bem da arte dramatica e que serão mais facilmente comprehendidos pelos Artistas.

Quanto á carta sobre o Rio de Janeiro pensamos, que não ha humma forma melhor para a discussão da politica Brasileira: seguimos o exemplo da collécção politica a mais notavel, que tem se publicado em França de 40 annos para cá, *A Minerva Franceza*; he sempre louvavel o procurar imitar, ainda que mui imperfeitamente, hum tão bom modelo. Adoptamos a lingua Franceza, por que ella he familiar a todas as pessoas, que se occupão da politica.

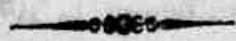
Tambem nos propomos, durante a sessão das Camaras, a publicar humma analyse das suas discussões, nessa epoca nos decidiremos a publicar o *Espelho* quatro vezes por mez.

Havendo d'ora em diante de occupar humma parte da nossa collecção a Politica interna, devemos dar conta aos nossos leitores das nossas opiniões. Somos em toda a força do termo *Monarchicos Constitucionaes*. Não acreditamos nem em hum partido Republicano, nem em outro Absolutista, só cremos que alguns homens seduzidos por theorias podem *sonhar* em Republica, e que outros guiados só pelo seu interesse podem desejar o Governo Absoluto e todas as suas miserias: porem estes homens, isolados, sem influencia sobre a Nação, estão longe de formarem partidos; evitaremos por tanto, o mais possivel, servir-nos destas denominações, que fazem reviver odios e inspirão terrores.

Sustentamos o Ministerio por que segundo nós elle marcha pela estrada Constitucional, e não por amor aos Ministros a quem somos estranhos. Se elles vierem a mudar, nós não mudaremos.

# LETTRES SUR LE THÉÂTRE.

N.° 1.



Vous m'avez prié, Monsieur, de vous tenir au courant de ce qui se passerait de remarqua. \* sur le Théâtre Impérial, et votre intention, m'avez-vous dit, est de faire publier notre Correspondance dans l'Espelho. Dieu nous soit en aide ! car nous nous plaçons sur un terrain bien glissant. De deux choses l'une ; ou nous trouverons tout parfait, admirable, divin même, et alors nous passerons pour de plats barbouilleurs de papier : ou nous attaquerons les abus criants qui paralysent l'Administration du théâtre, en signalant le manque de zèle de certains artistes, les prétentions ridicules de quelques autres, et dans ce cas nous soulèverons toutes les vanités, et nous aurons pour adversaires implacables toutes les médiocrités des deux sexes. Réfléchissez donc sérieusement, et décidez-vous : Quant à moi, Monsieur, je n'hésite pas, je choisis le second parti ; car pour un homme qui fait gémir la presse, le pire de tous les maux est, sans contredit, d'ennuyer ses lecteurs. Du reste, dans nos critiques comme dans nos éloges, soyons vrais. Pour ma part, je prends pour devise ce vers du satirique français,

Rien n'est beau que le vrai, le vrai seul est aimable.

et je prends l'engagement de ne jamais m'en écarter.

De tous les arts d'agrément, la musique est celui dont le charme est peut-être le plus vivement senti. Nous nous en occuperons en premier : la danse aura son tour. Je suis un peu come Figaro,

« *La musique et la danse*  
» se partagent mon cœur

ou, pour mieux dire, elles y règnent paisiblement ensemble ; mais j'ai une préférence bien marquée pour la musique. Je mets des compositeurs tels que Rossini, Cimarosa, et Paësiello, forts au dessus des Gardel, des Milon, des Viganò,

et de tous les faiseurs de ballets du monde : ces derniers ne sont que des hommes de talent, tandis que les premiers sont des hommes de génie. Ainsi donc, Monsieur, n'en déplaise à nos légères prêtresses de Therpsicore, nous commencerons par la musique.

Les opinions de nos *dilettanti* sont fortement divisées. Les uns proclament hautement la supériorité de Mme. Faciotti ; les autres se déclarent les champions de Mr. Barbieri. Chacun de ces partis, aussi acharnés que des libéraux et des absolutistes, a eu un journal pour soutien de ses préférences. *L'Astree* a joint à ses mystiques correspondances de lourds articles hérissés de termes techniques, et d'une érudition musicale mal digérée, le tout assaisonné de grossières injures contre Mme. Barbieri. L'auteur de ces articles, que l'on dit être un homme de l'art, recommandable d'ailleurs par un talent estimé, est peut-être excusable : on le dit amoureux et amoureux fou. La *Gazette du Brésil* a employé contre Mme. Faciotti les armes dont elle s'est toujours servie pendant sa hideuse existence, le cynisme le plus révoltant, et la plus impudente grossièreté. Il est malheureux pour Mme. Barbieri d'avoir été défendue par une feuille aussi méprisable. *L'Echo de l'Amérique du Sud* a parlé de ces deux dames en termes décents, seul ton qui convienne à un journal dont les rédacteurs se respectent : il est cependant facile de voir que l'auteur des articles *Théâtre* est partisan déclaré de Mme. Barbieri.

Voilà, Monsieur, un bien long préambule ; mais malgré cette préparation oratoire, il faut enfin aborder franchement la question, et se prononcer, sous peine d'être écrasé par les deux partis. Hélas ! tel est toujours le sort des gens ou modérés, ou indifférents : de notre temps il n'est pas permis de crier comme le sage du bon *Lafontaine*.

Vive le Roi, Vive la ligue !

il faut être ou royaliste ou ligueur. Je vais donc vous donner mon opinion sur ces deux dames.

Mme. Barbieri possède une voix charmante : chez elle l'art n'a eu qu'à développer les dons de la nature. Elle a ce que l'on appelle un *Soprano* bien prononcé. Sa voix est d'une justesse admirable, et d'une grande flexibilité ; enfin elle

possède au plus haut degré ce charme indéfinissable qui est tout dans les arts. Brillante et rapide, elle enchante, elle séduit dans l'Italienne à Alger : douce et touchante elle attendrit, elle entraîne dans Agnese. Mais sa méthode. . . ? Voilà, Monsieur, le grand, le seul reproche que les détracteurs de Mme Barbieri aient osé lui adresser. De grâce, Messieurs de la cabale, allez un peu moins vite, et gardez-vous d'un jugement trop précipité qui, peut-être, ressemblerait à celui du Roi Midas. Jusqu'à présent j'ai entendu définir ainsi la méthode : *l'Art de bien conduire sa voix, de bien faire comprendre la phrase musicale, ou d'après ses propres connaissances en musique, ou d'après les conseils d'un maître.*

» Où avez vous pris, Messieurs, que Mme Barbieri n'avait pas de méthode, et qu'elle était d'une ignorance profonde en musique ? A qui persuaderez-vous qu'on puisse apprendre le premier acte d'*Agnese* en quatre jours, si l'on n'a pas reçu de la nature la plus heureuse organisation, et si l'on ne sait pas la musique ? Eh bien ! c'est ce qu'a fait Mme Barbieri. Le lundi on lui a donné la partition d'*Agnese*; et le vendredi elle a chanté ce rôle si long et si difficile. Rassurez-vous, Messieurs, Mme Barbieri sait l'art de se servir avec avantage de sa délicieuse voix, et son maître de chant est homme de goût et de talent.

Vous venez de voir, Monsieur, tous les droits de Mme Barbieri à la faveur publique ; ceux de sa rivale sont bien moindres, au moins sous le rapport du talent. Mme. Fasciotti a, selon moi, un défaut devant lequel disparaissent toutes les belles qualités d'une cantatrice : elle chante faux ; non pas accidentellement, ce qui ne serait qu'un demi mal, mais parce que sa voix, déjà fatiguée, ne peut pas atteindre aux notes élevées, et que, nulle dans le bas, elle ne rend que des sons factices. Pour me servir de la comparaison d'un des écrivains les plus spirituels du *Journal des Débats*, une belle voix est comme une pièce de drap, elle a deux lisières à ses extrémités ; les tailleurs commencent par enlever les lisières avant de couper un habit. Un chanteur qui fait sonner le *la* d'en bas avec force, descend encore au *so* et au *fa* qu'il attaque faiblement, il peut encore, en pressant son menton contre la clavicule, faire entendre le *mi* et le *ré*. Mais ce ne sont point des sons musicaux, c'est le crépuscule de la voix ; elle doit monter de quatre degrés avant

de monter son plein jour. Eh bien , Monsieur, Mme Faciotti chante dans la *lisière* quand elle veut descendre, et toutes ses notes graves restent dans l'ombre, Pour arriver aux notes élevées, elle fait des efforts pénibles , et sa voix n'est vraiment naturelle que dans le *medium*. Cette voix d'ailleurs est toujours dure. Élève de son frère, Mme Faciotti a pris la manière de cet excellent professeur; mais qu'elle est loin d'avoir à sa disposition la voix magnifique de Faciotti , le chanteur le plus distingué que nous ayons jamais entendu à Rio de Janeiro.

Comme comédiennes , ces deux dames n'ont ni l'une ni l'autre un talent remarquable. Mme Barbieri n'a pas d'usage de la scène , et Mme Faciotti manque souvent de noblesse. Ceci, à mon avis , est peu important. Nous aussi nous sommes *Dilettanti* : la musique , avant tout , puisque nous allons entendre l'Opéra.

Le seul droit que je connaisse à Mme. Faciotti à la faveur du parterre, c'est le droit d'*Ancienneté*. C'est un trait bien prononcé du caractère Brésilien de s'attacher aux artistes qui ont long-temps séjourné au Brésil, de le adopter, et de leur donner, pour ainsi dire, un brevet de Nationalité. Ceci est louable, Monsieur, et personne ne s'opposerait aux marques de faveur accordées à Mme Faciotti , si l'administration traitait ces deux *Virtuoses* avec une égale justice; mais il n'en est point ainsi. La grossièreté (l'expression n'est pas trop forte) avec laquelle on traitait Mme. Barbieri au Théâtre, l'a déjà forcée de quitter la Scène. Le soin de Mr. le Directeur à réparer la sottise de ses employés, et la médiation d'un ami, ont heureusement dissipé ce nuage. Je pense que de pareils abus ne se renouvelleront pas , car je doute que le public qui paye et qui a droit de vouloir, souffrit patiemment qu'on le prit pour dupe, et qu'on le rendit victime des ntrigues de coulisses , ou des préférences de coterie.

Agréez, Monsieur . . . .

*P. S.* La représentation au bénéfice de Mme Barbieri qui a eu lieu jeudi dernier, est venue, pour ainsi dire, servir de preuve à ce que je vous ai dit de flatteur sur son talent. Le Public, jaloux de lui témoigner son admiration , s'est porté en foule à une trentième représentation, je crois, de l'*Italienne à Alger*.

La soirée de Mme Barbieri peut faire époque. Malgré la chaleur, malgré la lassitude du Public, peut-être un peu blasé sur ces solennités que l'Administration prodigue sans aucune mesure, elle a fait une recette de plus de 2:500.000. S. M., dont le suffrage ne saurait être trop apprécié, a envoyé à la Bénéficiaire un anneau enrichi de brillants, d'une valeur considérable. Les premières et les troisième loges ont fait preuve d'une générosité qui rappelle le bon temps des Artistes, temps passé des demi-doubles.

Ne pensez-vous pas, Monsieur, que Mme Barbieri vient d'enchaîner sa liberté. Il me semble qu'elle ne peut, sans ingratitude, songer à quitter le Brésil, où l'on apprécie son talent comme il le mérite. J'oserais presque assurer qu'elle n'en a pas la coupable pensée, et qu'elle va prendre avec le Directeur des arrangements qui détruiront les craintes continues que nous avons de la perdre.



## LETTRES

### SUR RIO DE JANEIRO.

N.º 1.



Vous vivez à la campagne, Monsieur, et cependant vous ne voulez pas rester étranger à ce qui se passe dans notre Capitale : j'accepte avec grand plaisir la tâche que vous m'avez imposée de vous rendre un compte exact de tous les événements politiques qui se succéderont à Rio de Janeiro, et pour vous prouver toute ma bonne foi, je vous adresserai mes lettres dans *l'Espelho*. De cette manière vous voilà certain que je ne vous dirai que la vérité, ou du moins ce que je croirai la vérité.

Vous étiez encore à Rio de Janeiro lorsqu'une attaque d'apoplexie a foudroyé la Gazette du Brésil. Je ne reviens donc pas sur cet événement, quelque important qu'il soit. Il n'est pas permis de douter que le coup qui a fait disparaître cette révoltante production ne soit parti de bien haut. C'est dans l'ordre Constitutionnel que les rois sont véritablement l'image de la Divinité. Tout bien nous vient d'eux. Grâces

éternelles aux souverains qui d'un seul mot dissipent toutes les craintes, calment tous les esprits, et rendent la paix à toutes les familles. Chassons le pénible souvenir de cette espèce de *Cauchemar* qui a pesé pendant huit mois sur une population sage et dévouée, et reposons avec plaisir nos idées sur l'avenir.

La quinzaine qui vient de s'écouler a été marquée par un événement d'une grande importance : la mise à exécution de la mémorable loi du 15 Novembre 1827. Une portion de l'emprunt de mille Contos de reis, a été cédée à une compagnie nationale au taux de 650,000 chaque avec 6 p o/o d'intérêt au capital nominal, ce qui équivaut à un intérêt de 9 1/4 p 100 au capital déboursé. Mille Contos effectifs ont été versés dans les coffres de l'Etat en échange de 1650 Appolices. Cette somme est applicable au déficit du premier trimestre de 1828. Voilà les faits.

A peine les nouvelles valeurs sont-elles en circulation, que déjà la faveur publique les accompagne. Le crédit national est fondé comme par enchantement ; les Appolices sont recherchées, et la confiance qu'inspire le ministère leur a donné une impulsion de hausse très prononcée. Plus on réfléchit à l'opération que vient de faire le ministre, plus on est frappé du crédit dont jouit le Gouvernement. Un rapprochement avec ce qui s'est passé, dans une circonstance à peu près semblable, chez une des principales nations de l'Europe, sert de preuve à ce que j'avance. En 1817 la France dont la dette était fondée, dont les effets publics s'étaient élevés un moment jusqu'à 90 f, en pleine paix, fait avec peine un emprunt à 67 f 1/2 et 5 p 100 : le Brésil, engagé dans une guerre malheureuse, sans dette fondée, étranger jusqu'à ce moment à toute opération financière à l'intérieur, contracte son premier emprunt à un taux presque aussi élevé : en France où l'intérêt de l'argent ne vaut que 5 à 5 1/2 p 100, le gouvernement ne peut emprunter à moins de 7 1/2 ; au Brésil où les capitaux ont une valeur de 11 à 12 p. 100 dans les transactions commerciales, le gouvernement trouve de l'argent à 9 1/2 p. 100. La comparaison ne vous semble-t-elle pas, comme à moi, tout à fait à l'avantage du Brésil ?

Vous le savez, Monsieur, nos capitalistes n'ont pas voulu permettre que cette première partie de l'emprunt fût cédée à une compagnie étrangère : les offres qu'ils ont faites au

ministre étaient plus avantageuses, et la préférence a du leur être accordée. Il y a, dans cette démarche des capitalistes, plus que du patriotisme ; il y a une prévoyance de l'avenir bien remarquable. Les peuples ont un instinct qui les avertit toujours du danger de l'influence étrangère ; ils sentent, suivant l'heureuse expression de *l'Echo*, que le joug de l'étranger doit toujours être repoussé, même quand il est couvert d'or.

*Timeo Danaos et dona ferentes*

Avec le temps nous pourrons aussi nous affranchir de la dette contractée à Londres par le Marquis de Barbacena, opération onéreuse qui pèse sur le trésor, et à laquelle la chambre des députés cherchera, sans doute, quelque remède dans la prochaine session.

Enfin, Monsieur, nous pouvons le dire avec orgueil : nous avons un crédit public. Sans aller mendier des secours aux étrangers, nous pouvons faire face à nos besoins avec nos propres ressources. N'est-ce pas un pas de Géant que nous venons de faire dans la civilisation politique ? Qui oserait à présent exprimer un doute sur l'excellence du gouvernement représentatif ? Croyez-vous qu'avec un gouvernement absolu, qu'elle que soit d'ailleurs la garantie que puisse offrir le caractère du monarque, on eût obtenu avec autant de facilité une somme considérable, et à d'aussi belles conditions ? non, mille fois non ! le gouvernement absolu est stérile de sa nature ; il ne produit pas. On ne lui prête que par force, et à des intérêts usuraires. La seule garantie que donne un gouvernement qui emprunte, c'est la confiance. Il y a cette différence entre lui et un particulier. Ce dernier offre pour gage de sa solvabilité non-seulement sa fortune, mais encore le recours que la loi accorde contre lui. Cette sauve-garde est nulle contre un gouvernement, et je n'ai jamais entendu dire qu'on ait pu exercer des poursuites judiciaires contre lui. Il n'y a pas d'exemple qu'un gouvernement constitutionnel ait jamais manqué à ses engagements, et les deux plus grands monarques absolus de l'Europe sont en faillite. L'un a positivement accepté un arrangement, qu'entre particuliers on nommerait un *Concordat*, avec le gouvernement Anglais son créancier, et tous deux sont en faillite avec leurs sujets, puisque depuis 20 ans leur papier est tombé à un



quart de la valeur pour laquelle il a été émis. Tirons maintenant une conséquence : Pour arriver à un état parfait de bien-être , il n'y a pour l'Empire qu'un seul moyen : la Constitution , rien que la Constitution , et surtout toute la Constitution.

Je suis naturellement amené à vous dire un mot de nos ministres. Ceux de l'intérieur et de la justice préparent sans doute dans le silence du cabinet , des projets d'amélioration , ou pour mieux dire des réformes complètes , dont on ne pourra apprécier le mérite qu'à la prochaine réunion des Chambres. Malgré leur inaction apparente , ils jouissent de l'estime générale. Leur probité et leur amour du bien public sont passés en proverbe. Le ministre de la marine a montré de la vigueur dans la portaria relative aux commandants des navires d'escorte , et dans des réglemens de discipline. Notre ministre des affaires étrangères a refusé de contre-signer la nomination d'un noble marquis à une ambassade en Europe , motivant son refus sur l'état de nos finances qui ne nous permet pas d'entretenir des agents diplomatiques d'un caractère aussi élevé. Le refus de ce même ministre de contre-signer la nomination de M. J. de L. au poste de chargé d'affaires dans la Colombie était basé sur ce que ce choix était une infraction à la Constitution ; ces faits qui sont consignés dans un de nos journaux , font honneur à S. E. Mais toute la popularité , tout l'amour public semblent s'être réunis sur Mr. le ministre des finances. Sa louange est dans toutes les bouches ; en un mot , c'est l'homme du jour. Mr. Calmon Dupin fait marcher de front et son opération financière , et les réformes de la douane. S. Ex. veut enfin voir clair dans ce cahos. C'est une entreprise qu'on ne peut comparer qu'à certain travail d'Hercule dans les écuries d'Augias. La partie des douanes Impériales que le gouvernement est autorisé à mettre à l'enchère va , dit-on , être cédée à une compagnie de commerce. La *Gent* contrebandière est aux abois.

Un nuage de sinistre augure a obscurci pendant quelques jours notre horison politique : il s'est heureusement dissipé. Ce dont je vais vous parler n'a jamais été qu'un bruit ; mais on a si bien précisé les faits , qu'il a été impossible qu'on ne s'alarmât pas. On a dit , et l'un de nos journaux , *l'Écho* , a répété , que le gouvernement effrayé du ton d'un journal qui se dit d'opposition , avait eu l'intention de le faire disparaître.

frappant, du même coup, d'eux autres feuilles politiques. Il a même été question de cette mesure au conseil, mais seulement comme d'une chose à examiner et non comme d'un projet arrêté. Une ombre de discussion a suffi pour qu'on y renoncât. Si *l'Echo* n'avait pas traité cette question, je m'en occuperais ici ; mais je préfère vous renvoyer à son excellent article du 15 Janvier. Un seul point de vue a été omis par le rédacteur de l'article en question : c'est le rapprochement d'une mesure contre la presse périodique au Brésil, avec celle qui a été prise en Portugal par le Gouvernement de la régence contre les feuilles libérales. Mais l'arbitraire ne s'excuse pas par l'exemple ; et, d'un autre côté, on ne peut établir aucun parallèle entre le Brésil et le Portugal. Le gouvernement Portugais vivait au milieu du désordre, entouré de factions : le Gouvernement Impérial, au contraire, ne voit autour de lui que calme et soumission, et les factions n'existent que dans la tête de quelques rêves-creux mal intentionnés. Un coup d'état contre la presse pouvait être excusé, en Portugal, par l'urgence des circonstances ; mais au Brésil on ne pourrait le motiver sur rien. Un ministère qui attaquerait la liberté de la presse dans ce moment, ressemblerait à un homme qui se ferait couper le bras droit de peur que la gangrène ne s'y mit l'année prochaine. Quant à moi, je n'ai jamais pensé que ces bruits méritassent confiance : Je n'ai jamais pensé que notre ministère voulût détruire, d'un seul coup, sa popularité : Je n'ai jamais fait l'injure aux hommes qui le composent de les soupçonner d'une pareille maladresse.

Au reste je n'ai jamais rien compris à la frayeur que *l'Astrée* pouvait causer au pouvoir. Ce Journal que quelques amis de la liberté entourent d'une espèce de vénération, ressemble à ces idoles cachées, qui ne manifestent jamais leur pouvoir, et qu'on encense sans les comprendre ni les connaître. En supposant même qu'il voulût propager des doctrines pernicieuses, ce que je suis loin d'admettre, il les présente à ses lecteurs sous des formes si mystiques et si obscures, qu'elles ne sont nullement dangereuses. Il faut, pour comprendre ces éternelles correspondances, une dose d'intelligence qui n'est pas le partage de tout le monde. J'ai lu avec la plus grande attention la correspondance d'*Antonico Quê-Casá*, dénoncée par Mr. le Promoteur fiscal, et j'ai été émerveillé de la

profondeur des facultés intellectuelles de sa Seigneurie. Quant à moi, j'avoue que non seulement je n'y ai rien vu de coupable, mais qu'il m'a fallu un grand travail d'esprit seulement pour en comprendre le sens. Enfin, Monsieur, l'*Astrée* me paraît ressembler beaucoup à l'Apocalypse, où les commentateurs ont découvert des prédictions annonçant la révolution Française, l'apparition de Napoléon sur la scène du Monde, et la mort du Roi Louis XVIII.

Ce journal se dit la seule feuille d'opposition : mais comment se manifeste cette opposition ? par la dénonciation de quelques abus d'autorité : mais les colonnes de tous les autres journaux de la Capitale sont aux ordres de tous les citoyens qui ont à se plaindre de quelque fonctionnaire public. Aucun d'eux ne cherche à propager la doctrine de l'arbitraire. Il y a donc de la fanfaronade à faire le Don Quichote, et à se dire le *redresseur* de tous les torts. Cela d'ailleurs ne constitue pas une feuille d'opposition. Où sont dans l'*Astrée* ces articles de fond, ces discussions approfondies des principes, cet examen critique des actes de l'autorité, qui sont des journaux Anglais et Français une lecture si attrayante ? ne venez donc point nous dire avec une espèce de vanité que vous êtes une feuille d'opposition, quand vous n'êtes effectivement qu'un *Copie de lettres*.

Il y aurait de l'injustice à nier que depuis que l'*Astrée* existe, il n'ait paru d'excellents articles dans ce journal, à la rédaction duquel coopèrent des hommes de talent ; mais la plupart de ses numéros a été sans intérêt, et quelques unes de ses colonnes ont été marquées au coin de l'absurdité. Je ne citerai qu'un exemple : c'est la correspondance signée par un *Filho do Brasil*.

Vous avez pu le voir au commencement de cette lettre, Monsieur : on ne peut pas m'accuser de partialité en faveur des étrangers. Je redoute et je combattrai toujours leur prépondérance quand il s'agira de nos finances ou de nos affaires politiques ; mais il y a de la niaiserie à nier l'heureuse influence qu'ils peuvent exercer sur une population encore jeune, à l'avancement de laquelle ils contribueront, en amenant au Brésil les arts libéraux et mécaniques de l'Europe. Quant aux relations commerciales de l'Europe avec l'Empire, il faut être d'une ignorance profonde en économie politique, pour ne pas sentir toute leur importance et tout le bien qui peut en résulter pour nous. Je ne serais pas revenu sur cette

correspondance, si elle ne m'eut paru la suite d'un système adopté, et le signal d'une espèce de croisade contre les étrangers. Si c'est là ce que *l'Astrée* appelle de l'opposition, c'est de l'opposition au bon sens et à la raison.

Je n'ai plus à vous parler que d'une polémique qui vient de s'élever entre le directeur et quelques artistes de l'académie Impériale des Beaux Arts. En lisant la brochure de Mr. Henrique José da Silva, et les trois articles du *Diario Fluminense*, j'ai cru que le bon temps de *dame Gazette* était revenu. Laissons Mr Henrique, il écrit comme il peint. Quant à son officieux ami du journal officiel, ses articles sont un heureux mélange du style de la Gazette joint à la bonne foi d'Escobar et à la logique d'Arlequin, Dieu me préserve, Monsieur, de suivre dans sa discussion un homme qui voit, dans un projet de plan pour l'Académie, une insulte au Gouvernement et même à la personne de l'Empereur. Une si lâche perfidie, jointe à tant de médiocrité, est révoltante, et l'indignation fait tomber la plume. Je ne me sens pas assez de patience pour traiter cette question en termes convenables, et je ne serais pas maître de mes expressions. Le ridicule est la seule arme qu'on doive employer contre de pareils adversaires. Abandonnons donc le champion de Mr. Henrique, renvoyons-le faire un cours de logique dans la boutique où il a fait son cours d'Architecture, et examinons quels sont les titres de Mr. Henrique à la célébrité comme peintre d'histoire.

Est-ce le portrait en pied de S. M. I. ? je ne l'aurais pas supposé ; mais on m'a assuré que c'était le chef-d'œuvre de Mr Henrique. Est-ce comme coloriste ou comme dessinateur que Mr. le directeur a la prétention d'arriver à la posterité ? je ne pense pas que ce soit comme coloriste ; car il professe le plus profond mépris pour cette partie de l'art. Ce n'est donc que comme dessinateur que je veux le considérer. Ce qu'on exige d'abord d'un peintre de portraits, c'est la ressemblance : allons M. Henrique, un peu de bonne foi ; avouez que vous n'avez saisi aucun des traits de votre Auguste Modèle, et qu'il n'est reconnaissable qu'à son costume. La perspective linéaire est violée dans plusieurs endroits, notamment dans le fauteuil, et vous n'avez pas plus observé les lois de la perspective aérienne, témoin le nuage qui semble se présenter avant l'Empereur : votre tableau n'a pas de lumière ; il manque d'air. Ainsi donc vous n'êtes ni coloriste, ni dessinateur ; qu'êtes-vous donc ? un faiseur de *Porte feuille* et

de cartes de Géographie ; car ces deux accessoires sont la seule chose passable qu'il y ait dans votre ouvrage, et c'est aussi ce que votre petit génie offre continuellement à l'admiration des curieux.

Je demanderai à M. le directeur-professeur de dessin où sont les élèves qu'il a formés, et qu'il peut mettre en parallèle avec MM. Lobo de Souza, de Minas Geraes, et Araujo, de Porte Alègre, élèves de M. de Bret : où sont les ouvrages de ses disciples qu'il opposera aux quatre tableaux d'étude d'après nature faits par ces deux jeunes gens, dont l'un, M. Araujo, n'a que dix mois de leçons ? peut-être aussi le prierai-je de me dire s'il a la prétention de former des peintres avec sa méthode *routinière*, et s'il croit enseigner le dessin en faisant copier au compas.

Ce n'est point un crime, Monsieur, de faire un mauvais tableau, d'être tout à fait étranger à l'art d'enseigner, ni même de préférer au poste honorable de directeur d'académie, les tâches assez peu nobles de *maître d'école* : j'ai connu dans ma vie un assez bon nombre de *Croutons* fort honnêtes gens ; mais c'en est un d'accuser des hommes honorables sous tous les rapports, et des hommes d'une conduite irréprochable, de vouloir discréditer le Gouvernement et la personne de S. M., quand ils sont pénétrés de la plus vive reconnaissance : c'est une faute impardonnable que d'aller scruter la vie privée et la fortune des hommes parcequ'on ne partage pas leurs opinions : enfin c'est pousser l'oubli des convenances jusqu'à l'extrême que de se livrer à de basses intrigues, et d'envenimer une discussion qui devrait tourner au profit de l'art, par des perfides insinuations et de grossières injures. Je souhaite à M. Henrique et à son complaisant ami des titres à l'estime publique, comme hommes et comme artistes, égaux à ceux de MM. de Bret et Grandjean.

Au reste, Monsieur, cette guerre qui a commencé si tragiquement, se terminera d'une manière plus comique. On annonce *quelques caricatures bien mordantes et bien spirituelles*. Il était impossible que des artistes à qui on cherche une aussi méchante querelle ne finissent pas par se rappeler la malice de l'école, et cette manière de combattre sera au moins divertissante pour le public.

Je suis, Monsieur, Etc. Etc.

